

REVISTA MEMENTO

V. 2, n. 1, jan.-jun. 2011

Revista do Mestrado em Letras *Linguagem, Discurso e Cultura* - UNINCOR

ISSN 1807-9717

A TEMÁTICA DA INFÂNCIA SOB A VISÃO DE WALTER BENJAMINAparecida Maria Sales de SOUZA¹

Resumo: Este texto tem como objetivo analisar as reflexões de Walter Benjamin relacionadas à temática da infância e demonstrar que as considerações do filósofo são relevantes para a sociedade contemporânea. Benjamin critica a pedagogia, dá ênfase à valorização da criança e vê o brincar como experiência formadora da infância plena e do adulto realizado. Através das proposições de Benjamin, pode-se ter outra visão sobre a experiência educacional da criança. A pesquisa é teórica confirmando o pensamento de Benjamin com outros autores em relação à criança, o brincar e à educação.

Palavras-chave: Benjamin. Criança. Infância. Brincar. Educação.

Introdução

Qual o valor da infância na formação das marcas da memória? Qual a visão do brincar na visão benjaminiana? Estas perguntas serão respondidas pela análise das memórias de Benjamin e das reflexões dele sobre a criança, juntamente com outros autores que discorreram sobre a infância e o brincar. A infância tem sido tema de debates políticos e educacionais na sociedade contemporânea. Mas nem sempre foi assim, pois, somente a partir do século XVIII a infância foi reconhecida como fase distinta na evolução da vida humana. Antes disso, as crianças participavam das atividades dos adultos e eram vistas como pequenos adultos. Entretanto, somente o reconhecimento da infância como uma fase diferenciada da vida não significou uma sustentação objetiva para a criança. Ela passou a ser encarada como um pequeno ser dependente, que não sabe nada e que deveria ser ensinada por métodos pedagógicos para se transformar em uma pessoa bondosa e com princípios moralistas.

O reconhecimento da infância ocorreu juntamente com a Revolução Industrial. Dessa forma, a sociedade burguesa preocupava-se em educar suas crianças como herdeiros e a sociedade proletária educava seus filhos como classe. Cabe ressaltar que a classe burguesa

¹ Mestra em Letras pela Universidade Vale do Rio Verde - Universidade Vale do Rio Verde – Unincor, Três Corações, MG, Brasil. Professora da Rede Pública do Estado de Minas Gerais, MG, Brasil. E- mail: cidasales@oi.com.br

representava a classe capitalista, os ricos, os que se enriqueciam com o trabalho do proletariado. Como classe abastada, ela trazia em si os resquícios da aristocracia no tocante à educação e às artes.

Os burgueses preocupavam-se em preparar seus filhos para serem patrões e para multiplicarem a herança que receberiam. O proletariado (do latim *proletarii*), por sua vez, constituía a classe social dos operários industriais que possuíam apenas sua prole (descendentes). A ideologia da classe proletária era da libertação do sistema capitalista imposto a eles.

O tema da infância refletido por Benjamin encontra-se em suas obras: “Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação”, “Infância em Berlim por volta de 1900” e “Rua de mão única”; estas obras serão comentadas neste trabalho. Percebe-se que Benjamin deu especial à temática da criança, embora tenha sido um filósofo marxista, estudioso de Kant e Hegel, crítico da cultura de sua época, pesquisador da técnica do cinema e da fotografia, das artes e da história. Ele foi também um colecionador de brinquedos, livros infantis e objetos antigos.

Mudam-se as épocas e as condições humanas, as pessoas evoluem em seus costumes, mas a natureza da criança permanece a mesma em sua essência, isto é, ela mantém suas fantasias e sua necessidade de brincar. Por isso, tornam-se relevantes as reflexões de Benjamin acerca da infância na sociedade contemporânea. A sociedade pós-moderna lida com a perda da experiência infantil formativa e a queda de valores sociais, morais, históricos, artísticos e educacionais. Em contrapartida, consolida-se o capitalismo, a industrialização em série, a tecnologia, a cultura do efêmero, o consumismo e a aceleração da vida cotidiana. Em face a tudo isso, a infância torna-se incompleta, a criança menos criativa e menos espontânea. Suas brincadeiras tornam-se cada vez mais mecanizadas e suas diversões mais virtuais. Talvez prevendo essa situação, Benjamin fez várias considerações sobre a criança, o brincar espontâneo e a valorização da infância em sua plenitude.

Memória e infância

Em suas memórias de infância, Benjamin deixa sobressair a criança de forma generalizada, embora relatando suas experiências pessoais. “Infância em Berlim” é uma obra

formada de pequenos textos, escritos de forma fragmentada, mas pode ser encontrados neles o universo da infância, a singularidade da criança que se revela através de suas fantasias, medos, frustrações, alegrias e brincadeiras. Benjamin apresenta suas memórias da infância de forma poética e artística, capaz de levar o leitor ao prazer da leitura. Em suas narrações pode-se encontrar a criança, qualquer que seja ela, independentemente de sua raça. Encontra-se a criança desordeira, inquieta, brincalhona, sonhadora, aborrecida com a escola, doente, assustada com fantasmas imaginários, carente dos carinhos da mãe, amante das avós e das tias, extasiada com as cores e deslumbrada com os animais. A totalidade da criança se revela nos pequenos atos, nas experiências singulares que se manifestam no universo infantil. Em sua autobiografia, Benjamin comenta a realidade de forma bela, permeada de metáforas, elementos da mitologia e personagens históricos. Benjamin apresenta suas memórias valorizando as experiências infantis, demonstrando também a importância do papel do narrador na figura de sua mãe e de sua tia Lehmann. Ele viveu em uma época em que ainda era comum partilhar experiências e valores, hábito que foi perdido com a modernidade. Mas o filósofo deixa registrado o valor de se contar histórias para a criança, relatar a história da comunidade e repassar experiências, costume que unia mais os adultos às crianças. “Carícias abriam o leito dessa corrente. Eu as amava, pois da mão de minha mãe já gotejavam histórias que, logo, em abundância, emanariam de sua boca.” (BENJAMIN, 1987, p.109)

Tia Lehmann sabia de todos os parentescos por casamento, os domicílios, os golpes de sorte e de azar, dos Schoenflie, dos Rawitscher, dos Landsberg, dos Lindenheim e dos Stargard, famílias que, no passado, haviam se estabelecido como comerciantes de gado e de grãos nas comarcas de Brandemburgo e de Mecklemburgo. (BENJAMIN, 1987, p.86)

São relevantes para a teoria crítica da cultura da modernidade, o raciocínio dialético de Benjamin sobre a experiência, o narrador e a história. Sobre o narrador, ele deixa registrado, em *Magia e técnica, arte e política*, o seguinte:

Assim definido, o narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer). Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. (BENJAMIN, 1987, p.221)

A rememoração de Benjamin, sobre sua infância, traz consigo vários recortes históricos, sociais e culturais de Berlim por volta de 1900. Para Benjamin, a rememoração de

sua infância não é simplesmente reviver o passado, mas uma forma de renová-lo no presente e disseminar a temática da criança no futuro. Nota-se o interesse que o autor teve em preservar o que lhe pareceu importante como experiências pessoais na infância, assim como o que seria importante destacar historicamente: as loggias, o Kaiserpanorama, a Coluna da Vitória, o telefone à manivela e a iluminação a gás daquela época.

Benjamin teve uma infância de muito conforto e acesso à cultura, no entanto, dirigia seu olhar para os menos privilegiados ou marginalizados pela sociedade como os serviçais, os mendigos e as prostitutas, demonstrando sua extrema sensibilidade e altruísmo desde menino. O filósofo Walter Benjamin (1892- 1940) nasceu em Berlim, era filho de rica família judia, trazia em sua vida duas marcas singulares: ser judeu e pertencer à classe burguesa. Estas marcas foram determinantes em sua infância, como marcas de comunidades, de culturas, da memória coletiva e de sua memória individual. A marca é algo que perdura, segundo Derrida é “inapagável”. Nas memórias da infância de Benjamin encontram-se várias marcas e rastros, isto é, experiências e inscrições que perduraram e rastros que indicam as ausências de outros que não podem estar presentes. Segundo Carla Rodrigues (2008), “O rastro seria a indicação da ausência de um outro que nunca pode estar presente.”

As memórias sobre sua infância foram escritas numa época conflituosa para o filósofo, tanto no plano amoroso, profissional e social, mas a tessitura de sua obra transmite muito lirismo mesclando suas experiências infantis com sua filosofia, o que traz singularidade e beleza aos seus textos. Descobre-se em “Infância em Berlim” as várias facetas de Benjamin: a criança observadora, o colecionador, o filósofo sensível e o crítico inconformado com a tradição que aprisiona a sociedades.

A criança, o brincar e a educação

Pois se a criança não é nenhum Robinson Crusoe, assim também as crianças não constituem nenhuma comunidade isolada, mas antes fazem parte do povo e da classe a que pertencem. Da mesma forma, os seus brinquedos não dão testemunho de uma vida autônoma e segregada, mas são um diálogo de sinais entre a criança e o povo. Um diálogo de sinais, para cuja decifração a presente obra oferece um fundamento seguro. (BENJAMIN, 2002, p.94)

Não se encontra em Benjamin uma teoria sobre a educação ou sobre o brincar, mas uma reflexão da infância e da importância das atividades lúdicas para a formação dos hábitos

dos adultos. Assim, para Benjamin, compreender a criança é, necessariamente, observá-la e interpretar seus atos. Nesta perspectiva, os atos infantis são relevantes para comunicar os sentimentos da criança. Através do brincar, a criança emite sinais que, se forem observados, comunicarão muitas coisas aos adultos. As reflexões de Benjamin dialogam com Freud, que também viu no brincar infantil não apenas um passatempo da criança, mas uma forma dela lidar com suas angústias e de se comunicar com os adultos. Tanto Freud quanto Benjamin viram na brincadeira algo significativo para a criança, que sempre comunica algo do inconsciente infantil para o adulto. A linha fronteira entre o adulto e a criança pode ser rompida ou enrijecida através do relacionamento entre ambos. Logo, o adulto deve compreender todos os aspectos que compõem a infância: social, psicológico, cultural, biológico e linguístico. Para Benjamin, faz-se necessário observar mais os atos infantis, “olhar” a dimensão do querer-dizer da criança através da brincadeira. Desse pressuposto, conclui-se que a interpretação das atividades lúdicas corresponde à compreensão da criança. “Não há dúvida que o brincar significa sempre libertação. Rodeadas por um mundo de gigantes, as crianças criam para si, brincando, o pequeno mundo próprio.” (BENJAMIN, 2002, p.85)

O filósofo vê a infância como uma fase importante para a aquisição das experiências que deixarão as impressões no inconsciente e, conseqüentemente, formarão os hábitos do adulto. Desse modo, a criança interioriza as experiências individuais e coletivas, adquiridas socialmente no contexto em que ela vive. A subjetividade do adulto se constitui, portanto, a partir das múltiplas experiências vivenciadas pela criança, principalmente, no brincar. Benjamin transmite a ideia de que a infância tem a característica formadora da subjetividade do adulto.

A essência do brincar não é um “fazer como se”, mas um “fazer sempre de novo”, transformação da experiência mais comumente em hábito” [...] O hábito entra na vida como brincadeira, e nele, mesmo em suas formas mais enrijecidas, sobrevive até o final um restinho da brincadeira. (BENJAMIN, 2002, p.102)

A compulsão pela repetição e a capacidade de tornar-se outro através da fantasia é o que desperta tanto o interesse e o prazer das crianças pelo brincar. Apesar da aparente atividade “não-séria”, o brincar desenvolve o respeito pelas regras do jogo e pelo outro com o qual se interage na brincadeira, mesmo se o outro for apenas fantasia. Ao referir-se ao hábito

como “um restinho da brincadeira”, Benjamin novamente valoriza a experiência lúdica como uma marca que permanece no adulto.

Huizinga confirma as palavras de Benjamin ao falar das fantasias das crianças, de sua representação, prazer e realização no brincar.

A criança representa alguma coisa diferente, ou mais bela, ou mais nobre, ou mais perigosa do que habitualmente é. Finge ser um príncipe, um papai, uma bruxa malvada ou um tigre. A criança fica literalmente “transportada” de prazer, superando-se a si mesma a tal ponto que quase chega a acreditar que realmente é esta ou aquela coisa, sem contudo perder inteiramente o “sentido da realidade habitual”. Mais do que uma realidade falsa, sua representação é a realização de uma aparência: é “imaginação”, no sentido original do termo.” (HUIZINGA, 2008, p.17)

Esse prazer em fantasiar, em brincar ou fingir ser alguma coisa é realmente muito significativo para a criança e importante para deixar marcas agradáveis em sua memória. A formação da subjetividade do adulto depende da experiência do brincar na infância para que ele seja sociável, equilibrado emocionalmente e tenha maturidade para enfrentar desafios. O brincar tem uma importância social muito grande e significativa, ao contrário do que se pensa. A experiência lúdica para a criança propicia a sua consciência sócio-cultural, fortalece sua identidade infantil e a subjetividade do futuro adulto. Estudiosos têm relatado que a saúde mental do indivíduo depende das experiências que ele teve na infância. Pesquisas têm demonstrado que muitas psicoses são adquiridas na vida adulta pela ausência das fantasias formadas através do brincar na infância. Segundo Arlindo C. Pimenta (Sócio-psicanalista membro do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais), o brincar é muito importante para a formação da criança e como terapia. A brincadeira criativa não é só um mero entretenimento, mas propicia a saúde física e mental e representa um aspecto importante da vivência social e cultural.

A brincadeira é universal e facilita o crescimento; portanto, a saúde. Conduz aos relacionamentos grupais e é uma forma de comunicação na psicoterapia [...] Se observarmos a prática, veremos que os grupos indígenas, por exemplo, são bastante alegres: eles brincam muito. Por outro lado, podemos observar como as pessoas dominadoras, os ditadores, são pessoas carrancudas, casmurras, usam óculos escuros e nunca riem. [...] O ato de brincar, por si só, é terapêutico, e é necessário que se tenha uma atitude social positiva em relação à brincadeira. Brincar, como uma experiência criativa, uma experiência de continuidade do espaço transicional, é uma forma básica de viver. (PIMENTA, 1993, p.49)

A atividade lúdica propicia à criança uma experiência essencial para sua formação. Assim, o brincar é uma condição *sine qua non* para o desenvolvimento saudável do indivíduo

e para seu bom relacionamento social. As experiências lúdicas deixam inscrições na memória sempre que a criança sente a pulsão do “mais uma vez” e reativa as marcas psíquicas do prazer da repetição. A brincadeira é um recurso utilizado pela criança para lidar com as fantasias, tensões e frustrações. As reflexões de Benjamin, sobre a criança e o brincar, contribuem para que o adulto perceba e compreenda como se processa a visão infantil sobre o mundo que a rodeia. A criança vivencia suas fantasias e as exterioriza através das brincadeiras. O brincar representa uma experiência plena e de sentido real para a criança, embora represente a fantasia infantil.

Benjamin considera a criança como uma pessoa participante do contexto sócio-histórico-cultural. Ele vê a criança como um ser criativo e dinâmico. O filósofo salienta que a criança prefere viver o próprio mundo infantil do que imitar os adultos. Para a criança construir seus próprios brinquedos é uma experiência mais enriquecedora do que brincar com brinquedos prontos e sofisticados. Benjamin critica os fabricantes de brinquedos que os cria segundo a percepção do adulto e não de acordo com o gosto da criança. “Pois quanto mais atraentes, no sentido corrente, são os brinquedos, mais se distanciam dos instrumentos de brincar; quanto mais ilimitadamente a imitação se manifesta neles, tanto mais se desviam da brincadeira viva.” (BENJAMIN, 2002, p.93)

Segundo Benjamin, a criança demonstra interesse por coisas simples, ela é capaz de criar seus brinquedos com resíduos de tecidos, pedaços de madeira, pedras e areia. É a criança que transforma o brinquedo em objeto inserido na brincadeira.

A criança pode brincar fazendo castelos de pedras ou areia, carrinhos de madeira, bonecas de tecidos, vários brinquedos com latas, sabugos de milho, palha, papel, etc. Diante disso, pode-se concluir que crianças que têm contato com resíduos e oportunidade para construir seus próprios brinquedos desenvolvem mais sua criatividade. Aliás, o brincar independe do brinquedo, pois é a fantasia infantil que transforma o objeto em jogo ou brincadeira.

A sociedade contemporânea é maléfica para a infância no sentido de oferecer às crianças muita diversão e poucas oportunidades para que realmente elas despertem suas fantasias mais simples através da brincadeira criativa. A sociedade secular (des)educa a criança em nome da comunicação da TV, principal meio de comunicação de massa. Segundo

Theodor Adorno, em “Indústria Cultural e Sociedade”, os desenhos animados TV predispõem o espectador a acostumar-se com a injustiça e maus tratos.

Se os desenhos animados têm outro efeito além de habituar os sentidos a um novo ritmo, é o de martelar em todos os cérebros a antiga verdade de que o mau trato contínuo, o esfacelamento de toda a resistência individual, é a condição da vida nesta sociedade. Pato Donald mostra nos desenhos animados como os infelizes são espancados na realidade, para que os espectadores se habituem com o procedimento. O prazer da violência contra o personagem transforma-se em violência contra o espectador, o divertimento converte-se em tensão. (ADORNO, 2009, p.33)

A citação supramencionada demonstra que a sociedade capitalista é prejudicial à criança no sentido de oferecer um divertimento passivo para ela através da TV.

Segundo Adorno (2009, p.35), “A indústria cultural não sublima, mas sufoca.” O espectador acostuma-se com a violência, conseqüentemente, transforma-se em masoquista ou sádico. Torna-se mister rever essa questão, pois, a geração presente pode tornar-se cada vez mais violenta, no futuro, por ter sido oferecida às crianças diversão dessa forma na infância. As crianças contemporâneas são submetidas à influência do capitalismo, da tecnologia e das imagens virtuais de um modo tão excessivo que chega a ser prejudicial à infância. As crianças acostumadas aos brinquedos eletrônicos formam o hábito de somente apertarem botões. Ao encontrarem tudo pronto, tornam-se passivas e não desenvolvem sua capacidade criadora. Os divertimentos atuais violentam a mente infantil, induzem a criança ao consumismo, proporcionam um declínio cultural e a supressão da infância.

Ao referir-se a esse assunto, Esteban Levin diz o seguinte:

Na solidão da tela, que sempre está acordada, a criança se transforma em seu eco infundável, desprovida de imagem própria – como Narciso –, pois seu destino convalida a impossibilidade de se reconhecer para continuar vivendo. Portanto, ela não tem corpo. A criança *zapping* não escolhe parar numa imagem: na verdade, tanto faz ficar pulando de uma para outra indistintamente. (LEVIN, 2007, p.75)

Segundo o autor, a criança pensa que domina o controle remoto, mas é controlada pela imagem; o mesmo efeito ocorre com aparelhos celulares e outros aparelhos eletrônicos.

Mais nocivo ainda são os jogos de vídeo game, que se aperfeiçoam na violência brutal, com jogos de guerra. Esteban Levin cita vários “jogos da morte”: Counter Strike, Age of Empires, Star Craft, Mortal Kombat e GTA3. Todos estes jogos citados deixam as crianças extasiadas com a violência, tornando-as “viciadas” em matar o rival, em transformar-se em terroristas e em destruir outro povo. “Que sinais ou marcas deixará na primeira infância esse

tipo de jogo interativo e mortal? Qual a nova experiência infantil que está em gestação? (LEVIN, 2007, p.82)

Portanto, pode-se perceber que as reflexões de Benjamin em relação à infância são pertinentes para a sociedade contemporânea, pois a infância plena está prestes a desaparecer. Como desejar uma juventude equilibrada, sem violência, se desde a mais tenra idade as crianças têm contato com imagens virtuais violentas, desumanas e promíscuas?

A cultura lúdica atual deixa as crianças mais agitadas, adolescentes mais violentos, sem respeito pelos pais e professores, formando jovens que não valorizam o saber. Ao contrário, crianças que brincam livremente em contato com a natureza, que ouvem histórias contadas pela mãe, avós ou qualquer outro adulto desenvolvem sua imaginação, são mais tranquilas e tornar-se-ão adultos equilibrados.

As considerações de Gilles Brougère também vêm ao encontro das reflexões de Benjamin, pois demonstram a importância do brincar para a socialização da criança e a formação dos valores subjetiváveis da criança.

Sobre essa base, a brincadeira infantil produz deslocamentos, transformações por transposições, ou invenções. Adaptando-se o conceito de J. Piaget, encontramos diante de um processo de apropriação cultural, de assimilação. A criança interioriza as formas imaginárias, o próprio processo da produção imaginária, apoiando suas próprias invenções em esquemas preexistentes que são encontrados na literatura tradicional dos contos de fadas. Por meio de tal brincadeira a criança manipula e se apropria dos códigos sociais da transposição imaginária, manipula valores (o bem e o mal), brinca com o medo e o monstruoso, em suma, preenche as pulsões e os comportamentos individuais (comportamentos motores, fantasias) com conteúdos sociais, socializados e socializadores, através da comunicação que estes desenvolvem entre as crianças. (BROUGÈRE, 2008, p.70)

Dessa forma, crianças que brincam livremente desenvolvem mais sua percepção cognitiva, aprendem a controlar seus medos e suas pulsões. Ao brincar, a criança vive a fantasia de um conto ou uma lenda, tornando assim sua imaginação mais propícia à leitura e à escrita.

Educação burguesa e educação proletária

Com a atribuição de identidade à infância veio também a incumbência do aprendizado coletivo das crianças em escolas. A educação burguesa e a literatura infantil eram

conservadoras, baseadas em princípios morais e catequéticos e procuravam inculcir nas crianças uma obediência passiva aos pais e mestres.

Benjamin observou como eram diferentes os modos de educar da classe burguesa e da classe proletária. Ele revela, em seu discurso, sua apreciação pela educação proletária, pois nesta as crianças sentiam-se mais livres para demonstrarem sua expressividade e aprendiam de maneira voluntária. Na educação proletária predominava um estado de alegria, de realização plena da infância. Ao contrário, na educação burguesa predominava a variação de métodos pedagógicos e psicológicos. A educação burguesa era assistemática e seus métodos educacionais eram constantemente mudados; infelizmente, isto ocorre nas escolas públicas contemporâneas. As crianças burguesas manifestavam, nas salas de aula, cansaço e enfado; em “*Infância em Berlim*”, Benjamin relata que tinha essas sensações na escola. “A pedagogia proletária demonstra a sua superioridade ao garantir às crianças a realização de sua infância.” (BENJAMIN, 2002, p.118)

O filósofo elogia a educação proletária que permitia o desenvolvimento pleno da criança e a valorizava dentro do contexto proletário, isto é, como uma coletividade. Segundo Benjamin (2002), as crianças eram consideradas pela classe proletária uma coletividade tão importante quanto o exército, a fábrica e as assembleias populares. “E é prerrogativa da classe operária prestar a máxima atenção à coletividade infantil, a qual jamais pode adquirir contornos nítidos para a burguesia.” (BENJAMIN, 2002, p.115)

As crianças eram educadas de forma lúdica, através do teatro infantil proletário, dos quatro aos dez anos de idade. O teatro infantil proletário desenvolvia, em suas oficinas, várias formas de expressão artísticas: pintura, recitação, música e dança. A improvisação predominava, nos atos das crianças, durante a encenação e, segundo Benjamin, originava a autenticidade da arte teatral e a aprendizagem prazerosa. O diretor teatral observava cada gesto infantil como sinal comunicativo do desenvolvimento da criança. Para Benjamin, a observação constitui o componente principal para se educar. O autor salienta também a importância do “instante” para a criança, pois para ela o que importa é o agora. A criação artística infantil não é para perdurar eternamente, mas significativa para a criança enquanto dure a atuação dela. O teatro infantil proletário era uma forma de educação construtivista, na qual as crianças desenvolviam seu aprendizado. Segundo Benjamin, essa é uma forma de educação autêntica e eficaz, sem as máscaras da pedagogia que mantém seu interesse pelo

método e a ideologia do “continuar enrolando e da preguiça”. A educação burguesa, ao contrário, não era fundamentada na observação dos atos da criança, mas em corrigir a criança com a autoridade moral e intelectual dos pedagogos. “A disciplina que a burguesia exige das crianças é o seu estigma.” (BENJAMIN, 2002, p.118)

Segundo Benjamin, crianças que fizeram teatro infantil tiveram uma aprendizagem mais enriquecedora e tornaram-se adultos possuidores de boas recordações da infância. No entanto, a pedagogia burguesa “hipostasia uma essência absoluta da infância ou da juventude”. (BENJAMIN, 2002, p.121)

Refletir nas proposições benjaminianas no âmbito educacional é relevante, pois presencia-se um declínio na educação secular em todos os estratos sociais brasileiros. Pode-se constatar que ainda está sendo usada uma pedagogia mutante, que se utiliza de métodos distantes, muitas vezes, da realidade e anseios das crianças e adolescentes.

Nas escolas públicas, dá-se muita ênfase aos métodos; raramente, ou nunca, se utiliza de peças teatrais para o desenvolvimento da criança. Seria primordial para despertar o interesse da criança a aprendizagem realizada em oficinas de arte, de forma lúdica, como expôs Benjamin. Imprescindível também rever os livros infantis e os brinquedos, segundo a necessidade da criança e não sob a visão ou interesse do adulto apenas. A formação de uma sociedade mais equilibrada e mais feliz depende da reflexão e da prática de muitos conceitos filosóficos. Portanto, torna-se necessário (re)avaliar a infância, o brincar e a educação sob a visão sociológica, histórica e filosófica de Walter Benjamin.

Conclusão

As impressões retidas pela memória opera através dos sentidos, bem como pelo choque traumático deixados por algumas experiências. Logo, pode-se constatar que a infância é uma fase importante, com fortes registros de estimulação sensorial. O que é mais marcante na infância é a experiência do brincar devido a pluralidade de sensações que acompanham esse ato. Segundo Benjamin, as brincadeiras e os jogos infantis transformam-se em hábitos no adulto.

Com a supremacia tecnológica, o brincar perdeu sua característica principal: a espontaneidade da criança. Há uma modificação no comportamento infantil, a rotinização do

cotidiano e das brincadeiras, bem como uma tendência ao individualismo. Os brinquedos eletrônicos impõem um certo domínio na criança e esta perde sua capacidade criativa. Através das imagens virtuais, macro ou micro, o inconsciente infantil fica marcado, muitas vezes, por cenas agressivas. A diversão massificada e os brinquedos industriais produzidos em série, apenas para a obtenção de lucros, causam um hiato entre a criança e sua capacidade criadora. Os brinquedos eletrônicos e virtuais consolidam comportamentos passivos ou agressivos, estimulam sentimentos de revolta, desilusão ou apatia. É comum, na sociedade contemporânea, encontrar crianças estressadas, ansiosas ou deprimidas. O estresse infantil é devido a ausência do brincar espontâneo e livre, ou seja, pela ausência de brincadeiras que permitam a criança correr, pular e, principalmente, fantasiar. O brincar passivo tem como consequência a obesidade e a ansiedade, comum nas crianças e jovens contemporâneos. A infância contemporânea é tratada de acordo com as tendências da sociedade capitalista, o que acarreta sérios danos para as crianças, como o individualismo e o consumismo. Em meio a tantas transformações, aos apelos de consumo feitos pela publicidade e sob a tensão de crises econômicas, conflitos sociais e catástrofes, a criança contemporânea vai perdendo a infância plena. Talvez prevendo essa situação a que estão sujeitadas as crianças contemporâneas, Walter Benjamin dedicou parte de seus escritos à temática da infância. Diante desses pressupostos negativos à infância, tornam-se relevantes as reflexões de Benjamin sobre a criança, os brinquedos, os livros infantis e, sobretudo, a educação.

Benjamin mostra-se sensível e ponderado ao tratar de assuntos primordiais à criança. Ele ressalta a importância da observação dos atos infantis para que a educação de fato seja eficaz. Sob a visão filosófica de Benjamin, o brincar deve ser criativo e espontâneo; a criança deve lidar com materiais diversos e criar seus próprios brinquedos. Ele diz que a confecção dos brinquedos artesanais unia pais e filhos. Segundo Benjamin, tanto os brinquedos quanto os livros infantis devem ser confeccionados de acordo com o gosto infantil e não apenas sob a visão do adulto. Seus escritos transmitem a importância da experiência do brincar infantil para a formação do adulto realizado. A prática das atividades lúdicas constitui o pilar para a construção da identidade saudável no adulto.

Walter Benjamin estava consciente das mudanças históricas e sociais na aprendizagem infantil, por isso ele escreve sobre a história cultural dos brinquedos e dos livros infantis. De acordo com o filósofo, as crianças fazem parte da sociedade a qual pertencem e, desse modo,

a brincadeira infantil estabelece um diálogo de sinais para os quais o adulto deve estar atento a fim de decifrar o mundo da criança e efetuar a verdadeira educação.

Em síntese, Benjamin defende a preservação da infância através da valorização da criança. Através do “olhar” atento do adulto na dimensão do “eu” infantil podem ser descobertas as tensões que envolvem a criança e que ela exterioriza no brincar.

Childhood as subject matter under Walter Benjamin's vision

***Abstract:** The main objective of this study was to analyze the literary discourse in the works of Walter Benjamin's "Berlin Childhood around 1900" and Reflections on the child, the toy and education. In the two works analyzed, Benjamin focuses on children as a theme of his memories and his reflections, demonstrating in his speech the importance of childhood experiences. The study was done in a theoretical way centered on a post-structuralist analysis. The research aims to demonstrate the importance of childhood experience to the formation of memories and adult autobiographer who weaves his writing based on memories of his childhood. The work is centered on a priori investigation of aspects of the formation of memories and characteristics of autobiography, the autobiographer of subjectivity and otherness manifested in this deed. The subsequent research aims to demonstrate that the philosophy of Benjamin on the child is relevant to contemporary society and that his works are an archive for posterity.*

Keywords: Benjamin, memory, autobiographer, child, childhood

Referências

ADORNO, Theodor. **Indústria cultural e sociedade**. Seleção de textos Jorge Mattos Brito de Almeida. Traduzido de Júlia Elizabeth Levy et al.. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BENJAMIN, Walter. **Infância em Berlim por volta de 1900**. In: Obras escolhidas vol.: 2 - São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política**. In: Obras escolhidas vol.: 1 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Editora 34, 2002. (Coleção Espírito Crítico).

BROUGÈRE, Giles. **Brinquedo e cultura**. Revisão técnica e versão brasileira adaptada por Gisela Wajskop. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2008. (Coleções Questões de Nossa Época).

DERRIDA, Jacques. **Mal de Arquivo**: uma impressão freudiana. Tradução, Claudia de Moraes Rego. – Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

D'ANGELO, Martha. Arte, Política e Educação em Walter Benjamin. Edições Loyola, São Paulo, 2006.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**: o jogo como elemento da cultura. Tradução de João Paulo Monteiro. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. 12 ed. – São Paulo : Cortez, 2009.

LEVIN, Esteban. **Rumo a uma infância Virtual?** : a imagem corporal sem corpo. Tradução de Ricardo Rosenbusch. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2007.

RODRIGUES, Carla. **Mulher, verdade, indecibilidade**. In: DUQUE-ESTRADA, Paulo César (Org.) **espectros de derrida**. Rio de Janeiro: NAU-PUC-Rio, 2009. pp.59-87.

PIMENTA, Arlindo C. **Sonhar, brincar, criar, interpretar**. 2.ed., São Paulo: Ática, 1993.